

A História talhada na memória: a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão e o operariado de Codó (MA)

History carved in memory: the Maranhão Manufacturing and Agricultural Company and the Codó workers (MA)

Davi Benvindo de Oliveira

Mestrando no Programa de Pós-graduação em História do Brasil da
Universidade Federal do Piauí. E-mail: davideoliveirahist@gmail.com

Resumo: O objetivo principal desse trabalho de pesquisa é analisar o impacto que a primeira grande indústria codoense causou na história de vida daqueles que vivenciaram o ambiente fabril, direta ou indiretamente. Diante de uma pacata vila que receberia o título de cidade apenas no ano de 1896, uma grande indústria sendo instalada em 1892 seria um grande choque diante de um clima pacato inerente de um pequeno agrupamento humano em que as atividades econômicas eram restringidas as práticas agrícolas. Com o abrir de portas da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, muitas vagas de empregos foram disponibilizadas, e não só codoenses, como pessoas de cidades próximas foram recebidas para se tornarem operarias. Diante disso, buscou-se, através da memória dos codoenses, compreender o impacto dessa grande indústria na cidade e nas vidas que nela estavam presentes. Para isso, recorreu-se a pesquisa a campo, a pesquisa bibliográfica, periódicos que tratavam da indústria em questão, bem como revista.

Palavras-chave: História. Memória. Cidade. Operários.

ABSTRACT: The main objective of this research work is to analyze the impact that the first great codoense industry caused in the life history of those who experienced the factory environment, directly or indirectly. Faced with a compact town that would receive the title of city only in the year 1896, a large industry being installed in 1892 would be a great shock in the face of a quiet climate inherent in a small human grouping in which economic activities were restricted to agricultural practices. With the opening of doors of the Manufacturing and Agricultural Company of Maranhão, many job openings were made available, not just Codoenses, as people from nearby towns were received to become operatives. In view of this, it was sought, through the memory of the Codoenses, to understand the impact of this great industry on the city and the lives that were present in it. To this end, field research, bibliographical research, journals dealing with the industry in question, as well as journals were used.

Keywords: History. Memory. City. Workers.

Introdução

Ao chegar em Codó - cidade localizada a Leste do Estado do Maranhão, a 290 km da capital do Estado - pela primeira vez, você irá se deparar com uma grande avenida que corta a cidade e que dará acesso a antiga praça Palmério Cantanhede, onde está localizada a igreja de São Sebastião. Em frente a essa praça está um grande monumento de pedras, erguido no final do século XIX.

Em tal monumento, onde a atmosfera é carregada de ares do passado da história do operariado codoense, que ainda resiste em meio a “tirania do tempo”, apesar do descaso do poder público para com os monumentos históricos. Ainda se pode constatar as repartições do lugar que um dia rompeu com os modos de produção escravistas e agrícolas de uma pequena vila.

Para que se possa entender um pouco de como a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão foi instalada na cidade codoense, é preciso voltarmos um pouco no tempo e mergulharmos na história do Estado maranhense, quando ainda era uma província.

A província do Maranhão, como várias outras regiões brasileiras, sofreu transformações em suas relações dos modos de produções por volta dos últimos anos do século XIX, em que deixou de ser uma região essencialmente agrícola e passou, ainda que de forma morosa, a incorporar a industrialização.

A partir dessas transformações, tornou-se necessário a implantação da indústria, uma vez que a economia maranhense começou a entrar em declínio, e isso passou a ser uma “solução para os empresários e investidores que acumularam prejuízos com o fim do tráfico, abolição da escravidão e desvalorização das terras” (BOTELHO, 2012, p. 136).

Em uma tentativa de recuperação econômica, começaram-se os investimentos na construção de algumas fábricas no Maranhão, o que ocasionou um parque industrial. “Entre os anos de 1875 a 1893, compunham o parque fabril maranhense 15 fábricas, sendo 10 em São Luís, 04 em Caxias e 01 em Codó” (BOTELHO, 2012, p. 137). A primeira fábrica de tecidos a ser implantada em terras maranhenses foi em Caxias em 1883, vizinha à cidade de Codó.

A vila codoense foi beneficiada com uma fábrica, que produzia desde tecidos (seu principal produto) a extração do óleo do coco babaçu (fruto da vegetação típica e predominante das matas codoenses). A partir de então, muitas pessoas ingressaram na indústria, desempenhando as mais diversas funções, como mecânicos, serradores, fiandeiras, tecelãs entre outras.

Contudo, é de grande importância se estudar a primeira grande fábrica de

Codó e a história de seu operariado, um símbolo patrimonial econômico que representa a história codoense, e como disse o escritor codoense João Batista Machado, que ressalta a importância desse monumento histórico que hoje “está em ruínas, em estado terminal. Monumento histórico, criminosamente abandonado pelas autoridades incompetentes, descompromissadas com a cultura codoense” (MACHADO, 2012, p. 57).

A história da fábrica é a história do município de Codó, uma vez que a indústria é parte da construção econômica e da abertura de uma modernização para a cidade, pois com a indústria (que representou um símbolo de progresso) instalou-se energia elétrica e fornecimento de água que até então não tinha. Não há uma grande quantidade de documentação, porém, o tempo e a história de uma fábrica que foi pioneira na industrialização do município estão talhados na memória das pessoas que vivenciaram esse momento.

Sendo assim, levar em consideração a memória é considerar os fatos que marcaram a vida dos sujeitos que narram o acontecimento vivido/vivenciado. O historiador Antonio Torres Montenegro (2016), se posiciona em uma análise sobre a complexidade e seletividade da memória na produção científica historiográfica:

Ora, devemos considerar que aquilo que se torna uma marca, um registro na memória resulta de operações complexas, seletivas. Desde o momento inicial da percepção de algo, desencadeia-se uma construção em que as memórias que trazemos – que são, de maneira indissociável, individuais e coletivas – atuam reelaborando e resignificando aquilo que se apresenta aos sentidos (MONTENEGRO, 2016, p. 39).

Apesar de, *A priori*, a memória ser considerada ou aparentar ser um fenômeno de cunho individual, a mesma é classificada como individual e coletiva, de acordo com a citação acima de Montenegro (2016). Para essa classificação, Montenegro utiliza como base o pensamento de Michael Pollack (1992) e Halbwachs (2013) que defendiam essa tese de construção memorialística.

A partir disso, a história oral será parte fundamental deste trabalho de pesquisa, na busca de compreender como a grande indústria codoense causou impacto na vida de seu operariado. Como a memória individual pode dar pistas coletivas do que foram os primórdios da industrialização em Codó. O que significou para cada sujeito histórico esse ambiente trabalhista que trouxe um novo modo de produção pautado em rotinas em que a administração do tempo, da disciplina, da produção, era a inovação categórica imperativa da época como um marco do “progresso”.

Portanto, o tempo está talhado no homem em uma linguagem codificada na

memória, vestígios do passado que o homem carrega, já que o mesmo é fruto de seu tempo, pois os “fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, devem ser, [segundo a feliz expressão de François Simiand,] um conhecimento através de vestígios (BLOCH, 2001, p. 73). Por meio disso, este trabalho irá focar na memória como uma ferramenta para analisar a história da primeira fábrica de tecelagem de Codó a partir das experiências de vida de pessoas que trabalharam nessa indústria de Codó (MA), como vestígios da influência que exerceu a fábrica no modo de vida desses sujeitos históricos.

A história da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão em Codó

Codó é um município que representa um caldeirão de culturas (negra, branca, indígena). Foi uma vila essencialmente agrícola até o início do ano de 1890, dispondo até 1888 de mão de obra escrava nos trabalhos do campo.

Com a abolição da escravatura, a economia codoense entra em declínio. Exigia-se daí em diante uma nova perspectiva de trabalho que pudesse reascender a economia da cidade.

Os escravos foram libertados em 1888. Não havia mais a mão servil, produtora de riquezas. O trabalho agora exige remuneração. Os proprietários de grandes extensões de terras procuraram encontrar uma solução para o grande problema financeiro que atingia a todos os fazendeiros (MACHADO, 2012, p 56).

Os grandes fazendeiros fizeram uma reunião, convocaram Cônego Evaristo de Mendonça, chegando a encontrar uma solução: “A solução encontrada após vários debates seria a instalação de uma fábrica de tecidos” (MACHADO, 2012, p. 56).

A partir de então, a cidade maranhense iria sofrer com os reflexos de uma industrialização brasileira morosa por meio da construção da primeira fábrica da cidade. “No ano de 1892, iniciou-se a construção da fábrica. Nascia a primeira grande indústria da cidade” (MACHADO, 1999, p. 29), um passo para o “progresso”, como enfatizam os meios de comunicação da época, ao se referirem de Palmério Cantanhede (responsável pela construção da fábrica) e do diretor-gerente da fábrica: “Os semblantes desses dois prestimosos cavalheiros denunciavam o prazer que lhes ia n’alma por verem quase realizado o grandioso plano que assentaram para beneficiar a esta localidade e elevá-la no seio da civilização e do progresso” (GAZETA DE CODÓ, p. 2, 12 de fevereiro de 1893).

Codó foi um local propício para a produção da atividade agrícola maranhense, sendo a produtora de melhor algodão do Estado na época. Devido a esse fator, o

empresário luso-maranhense José Emílio Lisboa instalou nessa cidade uma fábrica de tecidos, como bem apontou o escritor codoense João Batista Machado (1999):

Codó é essencialmente agrário. Como o município produzia algodão de excelente fibra, o melhor do Estado, o empresário de origem portuguesa Emílio José Lisboa, e importante grupo econômico resolveu fundar em Codó, a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão. Era uma indústria que se dedicava à tecelagem sendo os tecidos fabricados de maior venda o “Floriano” e o “Itapecuru” (MACHADO, 1999, p. 28).

Sendo Palmério Cantanhede o responsável por organizar os trabalhos de construção da Fábrica de Tecidos da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão.

Palmério Cantanhede, engenheiro competente a quem Codó deve muito, pois o seu nome está ligado a várias obras relacionadas a esse município, como a construção da Estrada de Ferro São Luís/Teresina, comandou os trabalhos da edificação do prédio em que funcionaria a Fábrica de Tecidos da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, fundada por um grupo econômico do Estado, tendo à frente o luso-maranhense José Emílio Lisboa. Cuidou Palmério Cantanhede de organizar equipes de trabalhos, porém sob a sua responsabilidade (MACHADO, 1999, p. 33).

Com a implantação da fábrica em terras codoenses, houve uma necessidade de mão de obra para atender as demandas trabalhistas de tal ambiente. Isso causaria um impacto social significativo em uma pacata vila interiorana, como aponta a “Revista Leia Hoje” (2000, p. 16):

Os benefícios sociais para a região foram notáveis. O impacto foi estuendo. Centenas de jovens tiveram seu começo de vida profissional na Manufatureira. Muitos jovens do sertão maranhense demandaram a Codó para conseguir emprego. Muitos técnicos vieram do Sudeste, e do Nordeste, à procura de emprego e trouxeram novas técnicas de trabalho.

A Companhia Manufatureira e Agrícola de Codó abriu espaço para vários jovens serem inseridos no mercado de trabalho, chegando a expor anúncios em jornais de vagas disponíveis a contratação de mão de obra, como anunciou o jornal “Gazeta de Codó”, de propriedade de Alcibiades D’ Aguiar Silva: “A Companhia Manufatureira e Agrícola de Codó recebe operários de ambos os sexos, de 12 a 15 anos de idade, mediante o salário de 500 reis diários.” (GAZETA DO CODÓ, p. 4, 18 junho de 1893).

A partir da primeira indústria de Codó, surge uma formação nova de cate-

goria social, a classe operária codoense, pois a partir de uma nova forma de modo de produção, os homens e mulheres passaram a construir uma relação de trabalho uns com os outros. Como perfilha Thompson (2004, p. 10): “Ela, a classe operária, é tomada como tendo uma experiência real, capaz de ser definida quase matematicamente – uma quantidade de homens que se encontra numa certa proporção com os meios de produção.” Houve, portanto, a formação da classe operária codoense.

A fábrica codoense empregou muitas famílias, pois, não diferente de várias indústrias, os “fabricantes procuram empregar toda a família, para garantir o recrutamento e a fidelidade da mão de obra” (PERROT, 2006, p. 60), e devido a demanda de novos trabalhadores, não só jovens e adultos passaram a ingressar no trabalho fabril, a figura feminina também se fez presente. Jornais codoenses da época anunciavam que a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão oportuniza pessoas a trabalharem nas mais variadas funções: “Nas oficinas de serralheiro, ferreiro, carapina, serralha e olaria recebe se aprendizes; e tato para os serviços da fábrica como para as roças precisa-se de trabalhadores que serão pagos por salários vantajosos (GAZETA DO CODÓ, 29 de janeiro de 1893, número 13, p. 4)”.

O ambiente fabril da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão não foi um lugar de empregar somente homens adultos, os meninos, meninas (não havia ainda a criminalização do trabalho infantil) e mulheres se faziam também presentes e protagonistas na indústria.

Hoje, depois de mais de 50 anos que a fábrica fechou, não há mais que um muro que cerca um conjunto de pedras num estilo arquitetônico inglês, com partes desse muro ao chão, matos, e ruínas de uma fábrica que reacendeu a economia de Codó após um declínio em decorrência do fim da escravidão e desvalorização de terras; resto de uma fábrica símbolo econômico e histórico de Codó.

Em meio a essa sucumbência de pedras do que resta do antigo monumento arquitetônico da fábrica, o que resta presente são resquícios do passado, como diria Walter Benjamin, que: “perpassa, veloz. O passado só se deixar fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

O passado é alvo de reflexão, que remonta memória e devaneios, imagens do que seria ou poderiam ser, o majestoso monumento (figura 01) não passa despercebido, ainda mais para aqueles que conhecem um pouco da história da cidade, e, principalmente, para os que vivenciaram em atividade da primeira indústria de Codó.



Figura 01. Imagem atual das ruínas antiga Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão (Outubro de 2018). (Fonte: arquivo pessoal do autor).

Essa velha estrutura é o símbolo do marco industrial da cidade, um lugar de memória enquanto um símbolo de valor histórico, pois “os lugares de memória serão lugares de história” (NORA, 1993, p. 22). O espaço é também um lugar de memória que faz com que o passado ultrapasse o tempo de alguma forma e jorre no hoje por meio de veículos que são as lembranças, sejam elas construídas socialmente ou de forma individual. Pois há a estrutura material que possibilita com que pessoas, de alguma forma, observe como foi a grande estrutura da primeira fábrica; simbólico pois há um valor cultural muito grande para a cidade e funcional pois tem a função de não deixar fisicamente que o início da história da classe operária codoense se perca, uma vez que cidades próximas, como a de Caxias, a sua fábrica está restaurada.

A história fabril, os fragmentos de memória e os codoenses

Apesar de não haver farta documentação que faça menção, existem alguns periódicos que trazem rastros históricos da antiga fábrica. Poucas pessoas ainda estão vivas, mas o suficiente para buscarmos entender como essa indústria exerceu influência na vida de quem teve contato com ela.

A memória entra como uma fonte histórica de suma importância, pois através da história oral é possível “o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado.” (ALBERTI, 2015, p. 155), buscando-se uma interpretação dos fatos passados me-

diante recordações; para que, melhor possível, a história possa “articular o passado”, como diria Walter Benjamin (2016, p. 11): “Articular o passado não significa reconhecê-lo ‘tal como ele foi’. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo”.

E ao se apoderar dos “clarões das recordações” é possível compreender o passado, a história sendo narrada por quem a viveu, possibilitando entender o impacto do fato histórico sobre a vida de seus sujeitos históricos, possibilitando até mesmo uma compreensão do presente.

Um exemplo disso é o Senhor Alarico Guimarães Filho, conhecido apenas por senhor Alarico, hoje com 68 anos, conta que trabalhou na oficina mecânica da Companhia no final dos anos de 1950, tendo por volta de 9 anos de idade, sendo ajudante de seu pai, o mesmo informou que ajudava na recuperação das peças das máquinas de produção de óleo de coco babaçu. Ele lembra de sua rotina, de algumas atividades que ocorriam na indústria, sendo marcante em sua memória a compra de algodão que era produzido na própria cidade. Chegavam vários sacos de algodão para a fabricação de tecidos.

Senhor Alarico recorda que “era muito bonito quando o dia amanhecia, escutava o apito ali da fábrica” (GUIMARÃES FILHO, 2018), referindo-se a um relógio que ficava em uma pequena torre na indústria e apitava nos horários de entrada, almoço e saída dos funcionários.

Ao ser questionado sobre os horários de trabalho e se ele gostava do trabalho e das pessoas próximas dele com relação a relação patrão/empregado, ele afirma que gostava muito, que seu pai e suas vizinhas que lá trabalharam não reclamavam de nada. Segundo senhor Alarico seu pai, sua tia Margarida Guimarães e uma vizinha por nome Simplícia gostavam de trabalhar.

Lá eles (se referindo a fábrica) pagam direitinho. A gente trabalhava 8 horas por dia. Das 7h às 11h. de 1h às 5h. De segunda a sábado até meio dia. Agora, quando tinha muito pedido de tecido, eles programavam “serão”. A gente ganhava (com relação a hora extra), eles davam merenda. Durante o dia tinha o café com pão que eles davam. (GUIMARÃES FILHO, 2018).

Ele ressaltou que os plantadores de algodão em Codó eram beneficiados pela fábrica que comprava a matéria prima, de acordo com a fala de senhor Alarico (que na época era um menino) que acompanhou as atividades da fábrica até o seu fechar de portas: “lá eles compravam o algodão plantado aqui no Codó, beneficiavam (os plantadores de algodão), ai eles beneficiavam e levavam na máquina, tiravam o caroço e levavam o algodão pra máquina” (Ibid).

Para o senhor Alarico que, além de ter sido um lugar que oportunizou benefícios para ele, família e conhecidos, ter ingressado na fábrica aos seus 9 anos o possibilitou se tornar “ajudante de mecânico”, como o mesmo informou, fazendo de mecânico sua profissão que desenvolve até hoje, sendo o seu ganha pão. Atualmente o senhor Alarico trabalha em uma oficina mecânica localizada na avenida Augusto Teixeira, próximo da antiga fábrica.

Outro depoimento de grande importância para este trabalho foi a do senhor Antônio Alberto Gomes que foi funcionário na Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão.

Eu entrei, mais ou menos, em 1943. Naquele tempo eu tinha 14 anos. Eu morava na casa do Sebastião Archer que era dono da fábrica. E depois eu sai de lá e a Dona Zenita arranjou pra mim trabalhar lá na fábrica. Nesse tempo eu trabalhava como carregador “espura” (que segundo o mesmo eram fios) para os teares, né, mas era as mulheres que trabalhavam nos teares. Eu trabalhei até 1954, mais ou menos. 1954 que eu fui fazer o tiro de guerra, eu tinha 18 anos (GOMES, 2018).

Apesar de ter um choque de datas entre a entrada e saída do senhor Antônio nas atividades da fábrica, não torna seu relato algo infundado, pois como advertiria Pollak (1992), “existem lugares na memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (POLLAK, 1992, p. 202).

O senhor Antônio fez um esforço para se recordar, mesmo não dando data com precisão, podemos notar que ele entrou muito jovem no mundo fabril, como foi o caso o senhor Alarico. Porém, ao falar de seu passado, ele narra como algo muito honroso, o que não deixa de ser para um trabalhador, ressaltando inclusive que chegou a usar roupas produzidas pela própria fábrica. Ao mencionar a fábrica e a honra que o trabalho lhe deu faz de sua representação, diante do impacto da indústria em sua vida, uma imagem muito boa, pois “é em termos de representação que pode ser formulado o alvo da memória enquanto dita do passado” (RICOEUR, 2007, p. 248).

Ao ser questionado sobre algum familiar que trabalhou na fábrica, ele contou que seu pai trabalhava na ponte de cimento que faz a travessia pelo rio que corta a zona urbana, o rio Itapecuru. De acordo com o senhor Alberto, nas margens do rio, naquela época, havia uma bomba que fornecia água para a fábrica, levando água do rio até a fábrica por uma rua que até hoje é popularmente conhecida por “rua da bomba”. O transporte de água era feito por pessoas que levavam água na cabeça e por jumentos.

Senhor Antônio finaliza a entrevista ressaltando que, depois que serviu o tiro de guerra, foi para São Luís trabalhar e quando retornou para Codó (não deu a data precisa desse retorno), a fábrica já havia fechado, comentando sobre tal episódio com uma certa tristeza, uma vez que para o mesmo, a fábrica deu muitos trabalhos e oportunidades para os codoenses.

Na busca por pessoas bem vividas no município de Codó que tivessem algum conhecimento a respeito do ano em que a fábrica fechou, pode-se constatar que não há documentos que abordem o fechamento e muito menos livros que falem o suficiente, mas o senhor José Marçal e o famoso cinegrafista de Codó, Candido de Sousa, apontam que foi no ano de 1962 que a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão fechou suas portas.

A terceira entrevistada foi a dona Maria Judith Dias Salazar¹. Dona Judith conta que, por volta de seus 9 anos de idades, preparava e levava a comida para a sua mãe, que não podia deixar a fábrica para ir almoçar em casa, diante disso, Dona Judith tinha que levar o almoço de sua mãe para que a mesma pudesse fazer suas refeições no ambiente de trabalho. Ela nos contou que: “com 9 anos de idade eu era quem já preparava a comida. Quando apitava 11 horas, eu tava lá na porta da fábrica com a comida da minha mãe. Enquanto ela almoçava, eu ficava no tear, porque ali não parava, eu ficava ali” (SALAZAR, 2008).

Ela sabia a hora de ir deixar o almoço de sua mãe quando o relógio da fábrica tocava no soar de um apito (o mesmo que fora mencionado pelo senhor Alarico na primeira entrevista) que a mesma diz que era bem alto e em quase toda a cidade podia ouvir aquele apito. O relógio da fábrica era o tempo cronometrado e enquadrado em uma rotina para alguns codoense, uma forma de se situar no dia a dia quem não dispunham de um relógio.

Outro ponto da fala de dona Judith interessante é o fato de que boa parte de sua família foi empregada na fábrica, como sua mãe, suas tias, e sua prima, o que mostra que a “experiência do trabalho unifica, qualifica e surge como o elemento capaz de lhes conferir coerência e sentido, construindo laços de solidariedade e estratégias de sobrevivência (MATOS, 2002, p. 50)”. Uma parte da família de dona Judith empregada constituía uma relação familiar para além das fronteiras do lar, estendendo-se até o ambiente fabril, promovendo laços de solidariedade e de sociabilidade, pois enquanto trabalhavam, os operários mantinham seus diálogos e seus laços sociais entre si.

A senhora Judith lembra de sua família nessa fábrica como algo de grande importância que está vivaz em sua memória, pontuado a função de cada familiar,

¹ Hoje diretora do Instituto Histórico e Geográfico de Codó.

sendo sua mãe tecelã, suas tias trabalharam na sala de tinturaria e nas carreteleiras.

Pode-se compreender, nos trejeitos e na forma de como narrava sua experiência no ambiente fabril que, para dona Judith, a fábrica foi um marco em sua vida e na vida dos codoenses que foram operários. Ela afirmou que se encantava com a sala onde passava os algodões que em levados para a produção dos tecidos.

Ela terminou sua narrativa falando da importância do trabalho, dizendo que: “naquela época as crianças trabalhavam, não era como hoje” (SALAZAR, 2018), referindo-se que com o trabalho as crianças não teriam tempo de se envolver com drogas ou com a vida do crime. E que o fechar das portas da fábrica em 1962 foi uma enorme perda para a cidade, como ela mesmo afirmou: “foi uma pena ter fechado” (Ibid).

Considerações

Não há dúvidas de que a instalação da primeira grande indústria de Codó foi um divisor de águas no seio de uma vila pacata que em poucos dias, após a sua instalação, ganharia o título de cidade. De uma cidade essencialmente agrícola para o início de um município com presença industrial (hoje a cidade ainda mantém indústrias).

A Companhia Manufatura e Agrícola do Maranhão abriu um mundo novo para jovens e adultos com um cotidiano que passaria a ter rotina, disciplina e administração do tempo diário, com um trabalho dito formal, abrindo espaço para o início da formação de uma classe operária em Codó.

A fábrica mudou a vida de seu operariado que estava acostumado com o clima pacto de uma vila agrícola que deixou há poucos anos um modelo de produção escravista, e as pessoas que estavam dispostas a trabalharem em tal lugar tiveram que se adequar as novas práticas estabelecidas pelo mundo industrial, práticas essas como disciplina e customização do tempo para que a produção permanecesse sempre em alta como os “serões” que eram feitos devido à grande demanda de tecidos conforme relatou senhor Alarico.

Os documentos que sobraram sobre essa indústria são periódicos que datam principalmente de seus primeiros anos, e dois livros publicados pelo saudoso escritor codoense João Batista Machado. Apesar de serem poucas as pessoas vivas, há ainda operários que trabalhavam na companhia, filhos e netos de pessoas que viveram o mundo fabril dessa indústria pioneira.

Bem, este trabalho não se propôs a analisar os relatos e como o cotidiano fabril influenciou na vida das pessoas que tiveram ligação como o mesmo, o intuito

da pesquisa foi analisar o impacto que a Companhia manufatureira e Agrícola do Maranhão teve na vida dos seus operários e das pessoas que vivenciaram essa época.

Com as entrevistas colhidas foi possível identificar que a fábrica teve impacto na vida das pessoas que direta ou indiretamente tiveram contato. Os relatos enfatizam bastante a importância do trabalho, quase como que essa importância foi uma herança cultural deixar por uma fábrica que foi um momento de revolução no modo de produção de uma pacata vila.

Pessoas como o senhor Alarico deram seus primeiros passos, ainda que de forma precoce, no mundo do trabalho, de “ajudante de mecânico” como o mesmo se considerava a um grande mecânico que tomou tal profissão para si, e ainda hoje trabalha em uma oficina localizada nas proximidades da antiga fábrica.

Os elementos que circundavam a indústria até hoje são símbolos mnemônicos que (re) lutam na tentativa de uma recuperação do tempo histórico de outrora, elementos como um apito que soava de acordo com a marcação dos horários de entrada e saída do operariado, apito este que está marcado em um memória individual e coletiva dos que o ouviram; as repartições da indústria como a sala de tinturaria, os teares onde a mão feminina era marcante; os familiares que se encontravam diante do cenário que lhes davam o pão mediante o labor.

Apesar da experiência vivida no ambiente fabril ter sido algo particular de cada sujeito, pode-se constatar que a descrição, os elementos simbólicos convergem sempre para o mesmo lugar como se isso fosse uma construção de uma memória coletiva que dá pistas do que representou a fábrica para a cidade, um meio de desenvolvimento, de dar oportunidade para o trabalho e desenvolvimento de uma profissão.

Afinal, os três entrevistados que compuseram na construção desse trabalho histórico, de certa forma, falam da antiga Companhia como um lugar que mudou suas vidas, bem como das pessoas que tiveram próximas de si mesmas, pois nas falavas do entrevistados se constatou que membros da família ocupavam os mais variados cargos, ou seja, a família estava presente tanto no lar quanto no ambiente de trabalho, o que estreitava os laços.

Dois dos entrevistados, senhor Alarico e dona Judith ingressaram na fábrica muito crianças e o que se percebeu que aquele mundo que um dia foi novo deixaria marcas em suas vidas para sempre, marcas de um lugar que os dignificaram com o trabalho que é quase um valor imperativo em uma sociedade capitalista ou que está sofrendo modificações da globalização (no sentido de globalizar o capital, levando as mais variadas regiões).

Enfim, a Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão foi um marco

na vida de quem lá viveu, se deixou impressões negativas ou positivas, não se pode afirmar com plena certeza, afinal, o trabalho historiográfico é sempre lacunar, mas pode-se ter a certeza que sim, houve sim um impacto na vida da cidade e, principalmente, daqueles que trabalharam a ponto de deixar um saudosismos contido em frases como “foi uma pena a fábrica ter fechado”.

Tal impacto proporcionou com que o tempo pudesse ser conservado, a história talhada na memória, vestígios que reverberam em uma cidade do leste maranhense por meio dos discursos de pessoas que trabalharam na Companhia Manufatureira. Isso ajuda a não perder um momento histórico.

Referências

Jornais

GAZETA DO CODÓ, 29 de janeiro de 1893, número 13, p. 4

_____, p. 2, 12 de fevereiro de 1893

_____, p. 4, 18 junho de 1893.

Fontes orais

GUIMARÃES FILHO, Alarico. [68 anos]. Entrevistador: Davi Benvindo de Oliveira. Codó, Maranhão. 19 de novembro 2018.

GOMES, Antônio Alberto. Entrevistador: Davi Benvindo de Oliveira. Codó, Maranhão. 19 de novembro 2018.

SALAZAR, Maria Judith Dias. Entrevistador: Davi Benvindo de Oliveira. Codó, Maranhão. 5 de setembro 2018.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes históricas*. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2015.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Trad.

- Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOTELHO, Joan. *Conhecendo e debatendo a história do Maranhão*. São Luís: Gráfica e Editora Impacto, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- MACHADO, João Batista. *Codó, histórias do fundo do baú*. Codó: FACT/UEMA, 1999.
- _____. *O imaginário codoense*. Codó: Ed. do Autor, 2012.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2016.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- Revista Leia Hoje*. São Luís: Ed. Cidade; de São Luís, 2000.
- RICOUER, Paul. História/Epistemologia, In: *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- SALAZAR, Francês de Francis S; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A economia fabril em Codó – Ma: O tecelar da mordenidade (1892-1920). In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SILVA, Rodrigo Caetano; SILVA, Ronyere Ferreira da. *História e Política: problemas e abordagens nos contextos brasileiros*. Teresina: EDUFPI, 2016.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa I: A árvore da liberdade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

Artigo recebido em 15/03/2019, aprovado em 30/05/2019.